

Artes Visuais

A propósito de "Visão da Terra":

Constantes literárias na arte brasileira

Malta Grossa, vem-nos à mente novamente a desagradável pergunta que já nos fizemos anteriormente: "Acertou por outro lado, que inventou como artista vivendo longe dos grandes centros nervosos que se viu obrigado a fazer uma emulação, a fabricar uma competição e a análise comparativa?"

Acertou, por outro lado, que inventou Espinola endossaria com facilidade e convicção a declaração da pintura (serve inclusive para González, que nada tem a ver com arte de Espinola), citada por Maria Traha em sua recentíssima apresentação à exposição "Los novísimos colombianos", no Museu de Arte Contemporânea de Bogotá, que foi sintó precursora de uma arte colombiana, e mais ainda, de uma arte próxima sem horizontes, condenada por aquele lugar-comum: "a arte é internacional".

Agora, mais do que o meio artístico brasileiro é seu indivíduo o gaúcho Glauco Rodrigues, verdadeiramente ilustrador de livros que não se escrevem, mas que fazem refletir sobre a natureza de seus trabalhos, e alguns deles nos assinalam algumas constantes literárias que superam, de longe, a plasticidade que deveria constituir a essência de suas obras.

Assim, percebe-se sem dificuldade que alguns dos convidados apresentam o que nos dá uma pista de sua procedência, como a arte popular. E o caso de Samico, aliás, de muito boa qualidade, que deriva diretamente da ilustração da literatura de cordel, seguindo a sua tradição — a alto — bem como no espantoso, aparentemente rústico, mais domado na pintura, mas lembrando sempre a ilustração para o poema, o verso, a estrofa. Antonio Mala também, continua vinculado ao hieratismo dos ex-votos em composições em que o arranjo das formas e a preocupação do volume, em pintura chapada nos remetam ao caso de Raimundo de Oliveira, inspirado na temática religiosa e na profecia, através da pintura, a cenas do Novo Testamento.

Em Rubem Valentim, a arte popular foi transposta através da estilização, e, gradativamente, converteu-se em uma linguagem própria, de uma inspiração primeira, os seus ritos através de silêncios, em formas plásticas em máxima redução. Essas suas formas tornam-se um valor simbólico. Dal' razão pela qual, segundo temos observado em críticos estrangeiros, Rubem Valentim, através de sua linguagem, conquista a primeira impressão. Ou seja: seu trabalho somente passa a interessar ao observador uma vez que lhes é fornecida a "chave" para sua apreciação. Essa não é razão pela qual se deve concluir que uma obra de arte não é válida em si, mas, no caso de Valentim, como em Samico e Mala, ela é dependente de sua fonte primeira como informação, porquanto necessita de um texto que a explique, que a interprete, que a traduza, que a torne acessível ao espectador.

Marcio Sampaio, para mim, um poeta-língua que pinta, e diz com o mesmo vigor e com a mesma força de discurso que quem com uma licença poética não desprovida totalmente de validade, mas que se ocupa de um detalhe aparentemente sem importância, ele se desdiz a si próprio.

Assim, a obra de arte brasileira, em seu suporte elementar, mas que os marcam fundamentalmente des excessos de desigualdades, verdadeira obra de arte de preservar. Ele deve surgir livremente do seu interior, e deve se entreter com esse seu interesse de "meio bem feito", como diz Angelo Oswald, embora a meu ver careça totalmente de sentido a apresentação de suas "falsificações", posto que ali não reside absolutamente nada do antropofágico no sentido que lhe emprestamos Oswald de Andrade. E bem mais exercício de leitura de obra para um aluno atento.

Na pintura de hoje de Espinola, na qual "rosas" é a temática, embora compreendamos — segundo os textos e depoimentos do artista bem como de Aline Figueiredo — o seu sentido de denúncia, de crítica social, imprecisamente visível nos títulos das obras ("Nacionalização", "Sr. e Sra. Recepção de Embaixador", "Fioravante da América", "Sonho brasileiro", etc.) não acreditamos que, tenha conseguido alcançar o objetivo proposto. Por que se a denúncia é respeitável, surgem alguns reparos a fazer: é menos convincente, por exemplo a relação que se deseja estabelecer entre o tema atual e a rosa-cracha, como a querer articular esta sua fase atual com a temática do movimento artístico brasileiro. Ao mesmo tempo, as suas pinturas perdem interesse ao se observar que elas apresentam a factura exata do tipo de arte que se pretendia denunciar com a temática que se identifica com a sociedade institucionalizada, reacionária. Muito embora, talvez deliberadamente, a pintura que se apresenta, não se trata de uma pintura acadêmica, não pretende tampouco, em absoluto, se aproximar de um realismo fotográfico. Em quase palavras, não se realiza plasticamente. Fica à intenção E, no caso de Espinola, que com Aline Figueiredo é um dos estimuladores do que se passa em arte no Estado de

Waldemar da Costa: 41 anos depois

Exatamente 41 anos se passaram desde que Waldemar da Costa chegou a São Paulo, vindo do Rio (onde parou durante cinco anos), após seu regresso da Europa.

Vencido esse largo período, agora o artista-professor para os ares cheios de lido dos mares de Macaé, para a cidade que ele denominou de "Litor", do litoral fluminense, no ano passado.

Morou um tempo em Lisboa e Paris. Período — como disse Geraldo Ferraz, na introdução do catálogo de sua retrospectiva no MAM-SP em 1972 — que Waldemar associou com "liberdade" e "a aura de um mestre deixou-lhe alguma coisa de refinado que pagou a maneira de "Zangueiro de Ofício".

Essa retrospectiva do artista — que então comemorava 35 anos de pintura — foi o corolário de uma vida dedicada à arte e à formação de artistas, além de antes de tudo ele considerava amigos e "dise", os quais continuam sendo até hoje. Amigos que expuseram juntos com o mestre, em homenagem, na rua da Consolidação do MAM, Amélia Toledo, Charoux, Graçiano, Flaminio, Ianelli, Izar, José de Jesus, Miriam Chilverini, Raquel e Ubirajara.

Val o pintor, mas fica a sua obra nos museus e nas melhores pinacotecas desta atormentada São Paulo, de todo o País. Mesmo do mundo Fica ainda a saudade — que já é sentida — de seus discípulos e amigos, antigos e recentes.

Waldemar da Costa viria na próxima 3ª feira, mas à São Paulo sempre que puder — disse.

E ainda respondeu às perguntas de Artes Visuais:

— O que representaram para você os 41 anos de São Paulo?

— "Cheguei a São Paulo em 1936. Era inverno. O hotel onde me hospedava ficava esquina com a praça da República. Os platânos maravilhosos que ali então havia, perdiam as folhas. Talvez por isso, eu me lembrei por São Paulo Lembra o outono da Europa. Lisboa, Paris."

— Encantou, o que lhe chamou a atenção no Rio, um ambiente mais compreensivo para a arte moderna. Era era jovem, pintava há pouco tempo, embora já tivesse exposto no Salão dos Independentes em Paris e nos Independentes de São Paulo. Já uma exposição individual na Europa.

— No Rio havia exposto no 1.º Salão de Arte Moderna e feito duas exposições individuais. Estava contudo insatisfeito. Não havia compreensão para a arte moderna no Rio. Críticas, tivessem muito boas, mas sucesso financeiro, nenhum. Abandonar um pouco a pintura e fui criar galinhas para sobreviver.

— Com o ambiente mais evoluído de São Paulo, voltei com entusiasmo ao trabalho. Foi uma renovação nos meus métodos de trabalho.

— Mário de Andrade, Sérgio Millet, Geraldo Ferraz, Quirino da Silva e outros críticos me ajudaram a fazer forças que me haviam fugido. Devo, portanto, a São Paulo, não só o meu ambiente intelectual, mas o desenvolvimento de minha pintura.

— O que você tem a dizer do meio artístico durante esse tempo?

— "Não é impenetrável que se vive 31 anos (10 foram passados fora) num lugar. Tem-se que participar da vida desse lugar. No Café Acadêmico, praça do Patriarca e depois na Confeitaria do Campo Belo, na rua de São Bento, fervilhavam as ideias e as discussões."

— Imaginávamos e realizávamos exposições. Havia o Sindicato dos Artistas Plásticos. Com Rossi e Gobbi criamos a Família Artística Paulista. Ainda com Rossi, Tarsila, Rebelo e outros, fundamos o Clube dos Artistas, na Barão de Itapetininga, e fu parte da primeira diretoria.

— Houve o Salão de Mato, de que participei, não tendo sido convidado para o segundo e terceiro por causa de um mal entendido. Como um dos organizadores da Família Artística e um dos que levaram mais a sério esta realização, fui afastado do Salão de Mato, porque se pensou que a Família Artística era um movimento oposto ao outro.

Depoimentos: (antigos e novos)

"Enfim, nada disso ocorreu. Uma das primeiras condições impostas era sermos livre para expor onde quiséssimo. Já faz muitos anos e o fato foi esquecido."

"Tudo isso faz parte da vida, repete na nossa arte, marcando assim a nossa personalidade."

Qual foi o papel da Bienal?

"A Bienal apareceu e melhorou sem dúvida a situação dos pintores. Não expus em todas, somente na 1.ª, 3.ª, 5.ª, 7.ª e 9.ª, mas acho que apesar de detalhes, ela preparou um público capaz de admitir a arte atual."

"Lembro-me das rixadas dadas em frente aos trabalhos da 1.ª Bienal. Em compensação um grupo de se-ntenas coísbu-me a fazer uma palestra-passeio nas salas da 1.ª Bienal."

"Hoje criou-se o gosto de ter em casa a arte que então era exposta sob rixas e chacotas."

E seus alunos e cursos?

"Começando dando aula no Liceu de Artes e Ofícios. Dal' saiu o meu primeiro grupo de alunos."

"Antes eu tinha um ateliê no Teatro Municipal e foi ali que Clóvis Graçiano estudou comigo."

"No ateliê da Brigadeiro Luís Antônio tive a sorte de ter como alunos o Clóvis Graçiano, Toledo, Raquel e uma infinidade de outros. Era como se fosse uma família. Reunimo-nos nos domingos no telão para debater (extra aula) e no mesmo tempo bebericar e comer."

"As vezes apareciam amigos que também vinham desmbar, em serem alunos, como Vila Nova Argiz e Virginia."

"Não podia dar aula todos os dias porque eu era professor nos ateliês Americano e Bandeirantes e também continuava a lecionar no Liceu."

"Procurei sempre o convívio de meus alunos fazer esquecer que eu era o professor. Ensinava aquilo que eu queria ensinar, e não os museus. A personalidade do aluno (ou amigo) foi sempre respeitada como ateliê se pode ver por suas obras. Não só o aluno lucrava com o convívio do mestre. O mestre também participando das dúvidas, dos anseios e das realizações, está se enriquecendo de conteúdo artístico."

"Devo bastante aos meus alunos, amigos pela vivência e convívio com Waldemar em sua retrospectiva," em redação de Hermelindo Flaminio."

"Nos dez anos de afastamento de São Paulo, passados em Portugal, continuei dando aulas lá, da mesma forma que aqui, e tive o mesmo resultado: amigos-artistas e artistas-amigos."

De retorno a São Paulo continuei as aulas e novos valores apareceram, que estão hoje expondo por aí pelo país. São Paulo, pensando sempre na vida que esta cidade me proporcionou, nas condições de trabalho, na liberdade de conduzir as minhas jornadas em diferentes endereços. Waldemar e o mestre. O professor nunca. O amigo sempre."

"Homenagem ao mestre, o artista, o homem Waldemar, que, com sua vivência e sua Arte soube nos conduzir às nossas jornadas em diferentes endereços. Waldemar e o mestre. O professor nunca. O amigo sempre."

Em agosto de 1952, Maria Leontina declarava à "Tribuna da Imprensa" do Rio de Janeiro: "Conheci Waldemar da Costa em quem logo senti qualidades ideais de professor. Apreciou com ele a pintura. Waldemar da Costa foi meu mestre e meu amigo. Seu sentido de orientação, de respeito e de compreensão foram limitados. Com ele estudei quatro anos. Recordo o ambiente e atmosfera admiráveis de seu ateliê. Com sua exuberância, vivacidade e cultura, centralizava todas as discussões. Não raras vezes as discussões tomavam lugar da aula prática de pintura. E eu acompanhava por longo tempo. Não hei de me esquecer nunca do calor humano daquele ambiente."



Waldemar da Costa no seu ateliê, com alunos (foto de José Xavier).

Depoimentos: (antigos e novos)

Hoje residindo no Rio de Janeiro, Waldemar da Costa goza do mais alto prestígio no mundo das artes plásticas brasileiras.

Lotar Charoux recorda nos idos de 1952 que seu interesse pela pintura era maior forte e decidido que atendiam seus contatos com Waldemar da Costa, no início de sua vida artística, em 1941/42.

Agora Charoux — amigo do mestre — fala a Artes Visuais:

"É uma resolução de Waldemar que entristece e alegro ao mesmo tempo. O amigo ar para longe entristece, mas passar ar para uma vida mais agradável com amizades novas, isso alegro."

"Em Macaé ele vai ter tempo para viver. Waldemar vai com a satisfação da missão cumprida e todos nós, seus amigos, que não são poucos, sabemos que ele realmente cumprirá a sua missão."

Arángelo Ianelli depõe: "Quando é tão frequente alunos de um mesmo ateliê, saírem com a marca e o estilo de seu professor. Waldemar da Costa, sabamente orientava, tomava o extremo cuidado de respeitar a personalidade e a sensibilidade de cada um."

"Naqueles bons tempos, que os anos distanciarão, no período em que frequentei seu ateliê, constatei, desde logo, o excelente mestre que era. Enquanto trabalhávamos ele discutia sobre assuntos relacionados à arte. Perdíamos a noção das horas e do próprio tempo."

"Essa orientação, essa independência — Clóvis Ianelli — formaram artistas tão diversificados e excelentes como, Charoux, Flaminio, Maria Leontina, Clóvis Graçiano e tantos outros."

Humor em Piracicaba

Neste ano, de 20 de agosto a 4 de setembro, vamos ter o 1.º Salão Internacional de Humor em Piracicaba, promovido pela Prefeitura daquela cidade paulista.

As inscrições (máximo de três trabalhos) vão até o dia 30 de julho. Quem quiser participar e se levar os desenhos ou remeter, conforme as instruções do regulamento.

Record-se que o 1.º Salão do Humor (1974), Lançado em São Paulo foi o grande vencedor. No segundo Salão venceu o carioca Emílio Wainstock que caracterizou a contra-cultura através do vídeo. Para este Salão realizado em 1975, já se fizeram os primeiros contatos visando a transformá-lo em internacional, através de Zélio que se encontrava na Itália.

No terceiro Salão, no ano passado, venceu Chico Caruso com sua anomalia crescente. Ganhou o segundo lugar o paracetense Luis Antonio Saldanha. O Salão do Humor neste ano ganhou um prestígio que os próprios

organizadores não imaginavam, com a presença de 413 participantes e cerca de 1.200 trabalhos de todo o Brasil e do mundo. Foram então selecionados 150, por uma comissão formada por Jaguar, Jacob Kintowitz e Zélio e analados por um júri formado por Sérgio Aragões da "Mad Magazine", Geoffrey Dickinson da "Crisis" da Argentina.

REGULAMENTO

Promoção: O IV SALÃO INTERNACIONAL DE HUMOR, em sua realização da Prefeitura Municipal de Piracicaba — Ação Cultural.

INSCRIÇÃO: Para se inscrever no IV SALÃO INTERNACIONAL DE HUMOR, o candidato deverá remeter seus trabalhos (máximo de três) até o dia 30 de julho de 1977, à Secretaria do IV Salão Internacional de Humor de Piracicaba — Ação Cultural, sita à rua Gomes Carneiro, 1212 - Teatro Municipal — Piracicaba — CEP-13140-000 — São Paulo — Brasil.

Os trabalhos deverão ser executados na medida padrão de 30 x 40 cm.

Seleção e Premiação:

Os trabalhos serão selecionados e premiados por Comissão formada de 5 (cinco) membros. As decisões da Comissão de Premiação e Seleção serão finais, delas não cabendo recursos de espécie alguma.

Premios:

Os prêmios serão aquilivados para a Prefeitura Municipal de Piracicaba, no valor total de R\$ 90.000,00 (noventa mil cruzeiros), a serem distribuídos entre os nove primeiros classificados.

Premio Imprensa:

Este ano o IV Salão Internacional de Humor de Piracicaba estará premiado os profissionais de imprensa na área de humor (cartões, charges,

quadrinhos, desenhos de humor).

Os participantes deverão remeter trabalhos já publicados em revistas ou jornais, em ordem de preferência, para a Comissão de Premiação e Seleção, no valor total de R\$ 10.000,00 (dez mil cruzeiros).

Período:

O SALÃO INTERNACIONAL DE HUMOR DE PIRACIBABA será realizado de 20 de agosto a 04 de setembro, em Piracicaba, no Hall de Entrada do Teatro Municipal.

Prazo de Devolução dos Trabalhos Selecionados:

A participação no IV SALÃO INTERNACIONAL DE HUMOR DE PIRACIBABA implica, automaticamente, no direito da Prefeitura Municipal desta cidade de reproduzir, isolada ou conjuntamente com terceiros, os trabalhos selecionados.

Comissão Organizadora:

Os casos omissos serão resolvidos pela Comissão Organizadora. Os participantes do IV Salão de Humor que não enviarem seus trabalhos aceitam, implicitamente, todas as normas constantes deste Regulamento.

"Decano", óleo de 1935, coleção do Palácio do Governo do Pará, em Belém, cidade natal de Waldemar da Costa.

Waldemar da Costa no seu ateliê, com alunos (foto de José Xavier).